



# **NO MAR DAS REPRESENTAÇÕES: VOZES DA INFÂNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL – MOÇAMBIQUE E TIMOR LESTE**

*Edyanna de Oliveira Barreto*

*Orientadora: Renata Flávia da Silva*

*Mestranda*

RESUMO: O presente trabalho visa o estudo de dois contos literários que advém da tradição oral e são escritos para o público infanto-juvenil. O primeiro é intitulado “As mãos dos pretos”, sendo de autoria do moçambicano Luís Bernardo Honwana e o segundo “O mito da Enguia”, do autor Luís Costa, nascido no Timor Leste. Ambos se relacionam por serem escritos em língua portuguesa e apesar de não pertencerem sequer ao mesmo continente, apresentam semelhanças diversas e a principal, que mais nos interessa é a importância dada aos contos de tradição oral, sendo agora transferidos para o contexto literário a fim de resguardar a cultura local e rememorar saberes e histórias aprendidos. Pretendemos atingir os seguintes objetivos: a) interpretar as produções literárias publicadas por esses dois autores e; b) compreender como a voz do personagem criança na literatura infantojuvenil aparece em cada uma das narrativas e o que elas geram. Esse trabalho se filia em uma perspectiva que tem a ideia de uma Epistemologia do Sul (SANTOS, 2010) como parâmetro para repensar a sociedade contemporânea e suas complexidades. Desse modo, a importância das relações sul-sul para uma melhor compreensão dos fenômenos sociais e das identidades culturais no



mundo atual. O mesmo está totalmente relacionado ao projeto de pesquisa do mestrado, estando ainda em fase inicial e não podendo assim expor resultados finais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil; Tradição oral; Epistemologias do Sul.

Para pensarmos identidade nos amparamos teoricamente em Stuart Hall que trouxe problematizações interessantes e um novo olhar ao sujeito. Segundo ele, o indivíduo já não pode mais ser concebido como um ser único, mas fragmentado, pois está em constante processo de formação. As identidades culturais devem ser pensadas a partir dos códigos culturais compartilhados, que ora apresentam similaridades e ora distinções.<sup>1</sup>

Diante disso, podemos pensar nos códigos culturais que foram compartilhados e nas novas identidades que surgem. Moçambique compartilha de algumas semelhanças com o Timor Leste, situado no hemisfério sul e colonizado também por Portugal. Portanto, esse trabalho se filia em uma perspectiva que tem a ideia de uma Epistemologia do Sul<sup>2</sup> como parâmetro para repensar as sociedades e suas complexidades.

Desse modo, a importância das relações sul-sul para uma melhor compreensão dos fenômenos sociais e das identidades culturais no mundo contemporâneo. Um fenômeno que nos leva a pensar nas produções de subjetividade e de novas identidades é o “pós-colonial”. Devemos salientar que o “pós-colonial” não deve ser caracterizado por ordem cronológica, como se ocorresse antes ou depois de um determinado momento.

Já que os problemas e as características do período colonial, ainda se repetem no pós-colonial; algumas delas são: “subdesenvolvimento, marginalização”. Contudo, eles já não se manifestam da mesma maneira, pois no passado as relações eram estruturadas a fim de serem desiguais, nas quais as sociedades colonizadoras tinham poder e exploravam as sociedades colonizadas.

---

<sup>1</sup> Ver HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

<sup>2</sup> Ver SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

Hoje, o pós colonialismo marca a passagem de uma reconfiguração de poder. E as relações mudaram, pois passaram a ser “deslocadas e reencenadas como lutas sociais nativas, como contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade descolonizada”. (HALL, 2013:62) Timor Leste e Moçambique partilham dessa reconfiguração pós-colonial e receberam de seus colonizadores um excessivo esvaziamento de seus conhecimentos, experiências e costumes.<sup>3</sup>

Sendo assim, toda produção de conhecimento desenvolvida pelas sociedades colonizadas não é levada em conta e quando a história do colonizador é contada, só esse lado fica em evidência, como se os colonizados fossem vazios de história, língua, experiências, conhecimento, cultura e mais do que isso, de suas identidades.

É na tentativa de reverter esse quadro de silenciamentos e apagamentos de um lado da história, sendo só a história universal contada e concebida como única, que temos o interesse de analisar as novas produções literárias escritas para o público infantil<sup>4</sup> e ouvir agora as vozes que por tanto tempo foram silenciadas.

O presente trabalho visa o estudo de dois contos literários que advém da tradição oral e são escritos para o público infantojuvenil. O primeiro é intitulado “As mãos dos pretos”, sendo de autoria do moçambicano Luís Bernardo Honwana e o segundo “O mito da Enguia”, do autor Luís Costa, nascido no Timor Leste.

Ambos se relacionam por serem escritos em língua portuguesa e apesar de não pertencerem sequer ao mesmo continente, apresentam semelhanças diversas e a principal, que mais nos interessa é a importância dada aos contos de tradição oral, sendo agora transferidos para o contexto literário a fim de resguardar a cultura local e rememorar saberes e histórias aprendidos.

Nesse sentido, atendemos ao nosso interesse de ouvir as vozes silenciadas pela cultura do colonizador. Pretendemos além desse objetivo interpretar as produções literárias

---

<sup>3</sup> Ver em MENESES, Maria Paula. *Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo*. IN.: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). “Epistemologias do Sul”. São Paulo: Cortez, 2010.

<sup>4</sup> Aqui, quando utilizamos o termo infantil, estamos nos referindo a literatura produzida para crianças e jovens.

publicadas por esses dois autores e compreender como a voz do personagem criança na literatura infantojuvenil aparece em cada uma das narrativas e o que elas geram.

A antologia *Contos africanos dos países de língua portuguesa* organizada pela brasileira Rita Chaves<sup>5</sup> é formada por dez contos de autores africanos contemporâneos, sendo três contos moçambicanos, quatro contos angolanos e os demais contos dessa obra são de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, contendo em si um conto para cada país. Logo, já podemos salientar que Moçambique e Angola se destacam em representatividade quantitativa nessa antologia e isso também ocorre no mercado editorial brasileiro e na demanda existente, se tratando do contexto dos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil.

A organizadora do trabalho, Rita Chaves, além de selecionar os contos que advêm de tradição oral, acrescenta ao livro uma apresentação denominada: “Por um mar navegam as mesmas palavras”, onde ela expõe que o que une o Brasil aos países africanos citados acima é a língua portuguesa e que com a leitura desse livro seria possível conhecer uma “África historicamente recente” (CHAVES, 200. p. 8), convidando o público leitor a solidificar os conhecimentos sobre esse continente através da literatura e assim poder combater preconceitos e possíveis fantasmas existentes (CHAVES, 200. p. 9). Além da apresentação inicial, podemos encontrar uma breve apresentação de cada país, que é feita antes de cada conto ou grupo de contos e antes que a história comece há sempre uma breve exposição do que tratará o enredo seguinte. Ao fim, podemos visualizar uma nota sobre o autor, com dados biográficos e um pouco da sua trajetória profissional geral e literária.

Cada conto possui uma ilustração, assim como nas páginas que encontramos um breve comentário sobre o país, todas feitas por Apo Fousek<sup>6</sup>. O livro não conta com um glossário, pois o significado das possíveis palavras desconhecidas aparece em nota de rodapé. E na parte final do livro podemos encontrar um apêndice denominado: “A mesma língua, outro continente, diversos países”, do qual a organizadora contextualiza historicamente os

---

<sup>5</sup> Professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

<sup>6</sup> Artista Plástico paulistano que em suas produções segue uma linhagem urbana.

processos de colonização – e com eles a chegada da língua portuguesa aos países que já possuíam suas línguas, riquezas culturais e grandes rotas de comércio por todo continente –, lutas e independências das então colônias africanas – que ocorreram no ano de 1975. Logo, podemos encontrar mais uma parte voltada para a explanação de cada país, bem como fotografias que dialogam com o texto e a marcação de onde cada um se encontra no mapa do continente africano.

A segunda antologia em destaque chama-se “Dima, o passarinho que criou o mundo: mitos, contos e lendas dos países de língua portuguesa”, organizada pelo autor angolano Zetho Cunha Gonçalves<sup>7</sup>, apresenta também recontos da tradição oral, mas não se limita aos cinco países africanos: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, levando em conta ainda o Brasil, situado na América do Sul, Portugal, na Europa e Timor-Leste, na Ásia, unindo assim quatro continentes que estão ligados por uma língua, a língua portuguesa.

Os recontos advêm de lendas, mitos ou contos da tradição oral e são destinados ao público jovem e adulto, por isso, eles apresentam uma “linguagem cheia de poesia, de mistério e de passes de mágica [...], um encantamento que só a riqueza da diversidade cultural nos pode dar” (GONÇALVES, 2013. p. 9). A coletânea conta com uma introdução que informa como o livro está organizado e convida o leitor a se enveredar por esse caminho de variedade de culturas, no qual ele poderá encontrar palavras completamente desconhecidas e outras que podem ter significados diferentes quando pertencem a um país ou a outro. As ilustrações de Angelo Abu<sup>8</sup> percorrem todo o livro e ao fim de cada reconto há um glossário, além de um breve relato biográfico do autor e também uma nota escrita pelo próprio autor sobre o texto publicado na antologia.

Dentre os dez contos da antologia *Contos africanos dos países de língua portuguesa* e os oito recontos de *Dima, o passarinho que criou o mundo: mitos, contos e lendas dos países de língua portuguesa*, selecionamos respectivamente um de cada livro a fim de

---

<sup>7</sup> Poeta, ensaísta, tradutor e autor de literatura infantil angolano.

<sup>8</sup> Ilustrador nascido em Belo Horizonte, formou-se em cinema de animação pela Escola de Belas Artes da UFMG.

apresentar uma breve análise crítica e comparativa. O primeiro é intitulado “As mãos dos pretos”, sendo de autoria do moçambicano Luís Bernardo Honwana<sup>9</sup> e o segundo “O mito da Enguia”, do autor Luís Costa, nascido no Timor Leste.

“As mãos dos pretos”, publicado na antologia organizada por Rita Chaves, gira em torno do personagem narrador – que é uma criança – que está na tentativa de descobrir o porquê, o motivo das palmas das mãos dos negros serem claras. Em meio a tantos argumentos, o primeiro vem de um professor, que afirma que até poucos séculos atrás os avós dos negros andavam como animais e por não exporem as mãos ao sol, elas ficaram dessa maneira. O segundo argumento vem do padre, como uma lembrança do menino, que afirmava que como negros não prestavam para nada, tudo que lhes restava era rezar e era por manter as mãos sempre juntas que ficaram assim.

A pretensa seguinte vem de Dona Dores, que afirma que o motivo das mãos serem assim, mais claras era feito de Deus, para que ao comer não sujassem a comida. O Senhor Antunes da Coca-Cola também contou sua versão, afirmando que na reunião entre santos e anjos foi decidido fazer pretos, para isso eles usaram barros em moldes usados e como não havia lugar no brasido, os moldes de barro foram pendurados nas chaminés e as suas mãos ficaram brancas porque foi preciso se agarrar enquanto o barro cozia.

Senhor Frias achava que era tremenda mentira a história do Senhor Antunes e afirmou que sua versão que era sim a verdadeira. Disse que assim que os homens fossem criados, tinham logo que tomar banho num lago do céu e ao saírem do lago ficavam branquinhos, contudo, os negros foram criados a noite e ao irem se banhar no lago do céu, lavavam apenas as mãos e as plantas dos pés, pois já era madrugada e estava frio. Dona Estefânia não estava de acordo com o que o senhor Frias acabara de dizer e para ela era apenas por de tanto lavar as mãos à força, que elas acabaram desbotando.

---

<sup>9</sup> Consagrado por publicar o livro de contos “Nós matamos o cão Tinhoso”, Luís Bernardo Honwana é um dos mais importantes escritores de Moçambique, reconhecido por sua forte crítica ao poder colonial e por seu engajamento na luta pela independência de seu país.

O narrador personagem não se convence e continua encasquetado, tendo apenas uma certeza, que as mãos de um preto sempre eram mais claras que o resto do corpo.

Até que ele decide levar em consideração a proposição de sua própria mãe, que afirmava que Deus havia se arrependido de ter feito os negros tão diferentes, porque eles eram sempre escravizados e ridicularizados, mas como não dava para modificar sua criação, pois as pessoas já haviam se acostumado, a forma que Ele encontrou foi clarear as mãos dos negros, tentando mostrar para as pessoas que as obras humanas são apenas obras de homens e, feitas por mãos iguais. Depois de afirmar isso, enquanto o personagem narrador ia jogar bola no quintal, ele pensava que nunca tinha visto uma pessoa chorar tanto sem que tivesse apanhado, pensando em sua mãe.

Podemos observar que todos que apresentaram argumentos que justificassem as palmas das mãos dos pretos serem mais claras eram pessoas que tinham poder de fala e conhecimento, sendo o primeiro o professor, ou seja, um dos principais representantes de confiabilidade por ter vastos conhecimentos sobre assuntos diversos, bem como o padre, o segundo a expor uma explicação e depois pessoas mais velhas como “Dona” Dores ou “Senhor” Antunes e por fim sua mãe, que representa maior grau de autoridade sobre o menino e que passa a ele um argumento que aos seus olhos é o mais correto de todos.

O segundo texto selecionado foi o reconto “o Mito da Enguia”, de Luís Costa. Nesse o personagem narrador já apresenta um nome: “Ponciano”, que ao ir dormir pede à sua avó Isabel que conte a ele uma história de Timor. A avó decide então contar o mito da enguia, o menino se mostra interessado por se tratar de uma história que ele já havia ouvido falar na escola e por estar curioso para entender como Timor estava separado por ilhas.

A avó Isabel intercala partes de uma canção ao contar a história, o que é comum da tradição, como uma espécie de pedido de proteção aos deuses contra as catástrofes naturais. A avó conta que um dia o mar secou e todos os peixes morreram, escapando apenas uma enguia – que é um elemento comum para os moradores da região do Ataúro – gigante e por não encontrar nada no mar para comer, a enguia começou a caçar cabritos que viviam na terra firme. Contudo, o desaparecimento de alguns cabritos apavorou a população, sendo

assim o chefe Kohi Kia junto aos demais decidiu ficar em vigilância para descobrir quem estava roubando os cabritos.

A enguia passava todo o dia no mar e só a noite saía para capturar cabritos e depois escondia sua presa no fundo das águas e ia se alimentando aos poucos. Porém quando o povo descobriu, a surpreendeu e começou a persegui-la, a enguia fugiu para o mar e na tentativa de ficar livre, ela batia sua calda no chão com muita força, no primeiro golpe ela dividiu uma parte do terreno, separando “Ata-Aru da Terra Grande”; no segundo, “Ata-Urur de Alor” foi a outra parte separada e com mais um golpe forte de sua calda “Atar-Uru de Kisar” foi separada de outras terras, formando assim as ilhas.

A partir da contação dessa história o menino aprende sobre a formação de seu país e continua curioso para saber mais sobre sua cultura e a origem de seu povo. As canções que permeiam o texto oral aparecem no texto escrito na língua oficial do Timor-Leste, o que pode levar o leitor a sentir curiosidade e pesquisar mais sobre o idioma, ampliando seus saberes a respeito de possíveis aspectos desconhecidos.

A seleção desses dois textos é de ordem temática. Como vimos acima, não se tratam de histórias advindas do mesmo país, nem tão pouco do mesmo continente, contudo em ambas encontramos o personagem principal, representado por uma criança, questionando sobre a origem de algo, selecionamos esse aspecto por tema e apresentaremos as semelhanças e diferenças existentes.

Na primeira história a inquietação é quanto às palmas das mãos dos pretos, que são mais claras que o resto do corpo. E, na segunda, a questão levantada pelo menino era sobre como Timor poderia estar separada em ilhas. Yazlle (2009) em seu estudo sobre “a personagem criança na literatura infantil” afirma que por vezes a criança com seus questionamentos pode causar certo desequilíbrio aos adultos, contudo é apenas uma tentativa de entendimento e busca da sua própria identidade e é por meio do diálogo que ela pode ter acesso a isso e explorar o meio real e imaginário, significando e ressignificando seu mundo (YAZLE, 2009. p. 5).

E é exatamente isso que ocorre em ambos os casos, no primeiro temos um questionamento que aparentemente é inocente, mas gira em torno do racismo e da necessidade



de Moçambique ser livre das imposições colonialistas. E no segundo, parte do interesse em saber de forma mais aprofundada de uma história que já se tinha ouvido falar, chamada “O mito da Enguia” e que tratava da formação de seu país. O questionamento infantil é mola propulsora para tratar do enredo de cada história e a partir daí criticar a realidade de exploração colonial ou explicar a existência de um país insular, separado por ilhas.

#### **REFERÊNCIAS:**

CHAVES, Rita. *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009.

COELHO, Nelly Novais. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1.ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

GONÇALVES, Zetho Cunha. *Dima, o passarinho que criou o mundo: mitos, contos e lendas dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

YAZLLE, Senise Camargo Lima. “Um encontro entre a personagem/criança e o leitor nas narrativas infantis de Ana Maria Machado”. Disponível em:  
<[http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais\\_2010/seniseacamargo.pdf](http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/seniseacamargo.pdf)>  
Acesso em: junho/2017.